

# > Não as luzes, o escuro. Ensaio sobre a epidíctica fetichista

> Not the lights, the dark.  
Essay on the fetishistic epidictic

**Por Antonio Herci Ferreira Júnior**

Doutor em Artes pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo (PGEHA/USP). E-mail: antonioherci@gmail.com. Orcid: 0000-0001-9043-1020.

## **Resumo**

Charles de Brosses apresentou o fetichismo em seu livro *Du Culte des Dieux Fétiches* (1760). Desde então, o termo adquiriu importância e recorrência no pensamento moderno nas mais diversas áreas do conhecimento. Este trabalho interpreta as ideias originárias desse autor acompanhando o uso do termo, mostrando que sua utilização traz um registro de preconceito étnico e civilizatório ao caracterizar o fetichista, identificado com o “negro africano”, como portador de uma falha evolutiva que o desqualifica, em sua expressão e em sua representação: está fora do tempo histórico e do espaço representável no logos. A imputação do fetichismo justifica a colonização e a escravização forçada, sujeitando e alienando as pessoas do direito de escolha sobre seus corpos e seu trabalho. **Palavras-chave:** Fetichismo. Razão. Modernidade. Escravização forçada. Choque de Civilizações

## **Abstract**

Charles de Brosses introduced fetishism in his book *Du Culte des Dieux Fétiches* (1760). Since then, the term has gained importance and recurrence in modern thought across various fields of knowledge. This work interprets the ideas of this author following the use of the term, showing that its use brings a record of ethnic and civilizing prejudice by characterizing the fetishist, identified with the "black African", as the bearer of an evolutionary flaw that disqualifies him, in his expression and representation: he is outside the historical time and space representable in the logos. The imputation of fetishism justifies forced colonization and enslavement, subjecting and alienating people from the right to choose over their bodies and their work.

**Keywords:** Fetishism. Reason. Modernity. Forced enslavement. Clash of civilization.

> Artigo recebido em 20.08.2023 e aceito em 13.04.2024.

*O poeta — o contemporâneo — deve manter fixo o olhar no seu tempo. Mas o que vê quem vê o seu tempo, o sorriso demente do seu século? Neste ponto gostaria de lhes propor uma segunda definição da contemporaneidade: contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. O que significa "ver as trevas", "perceber o escuro"?*  
Giorgio Agamben<sup>1</sup>

Mesmo que a contemporaneidade se apresente tão explicitamente como trevas, em meio a seus genocídios, guerras e preconceitos, não é simples ou trivial “perceber o escuro”. Pois ocorre que o obscurantismo pode ser ocultado por detrás das luzes da razão que, ao invés de iluminar, pode ofuscar e, onde mostra clareza, consagrar-se a uma nova selvageria.

Resilientes, os corpos — em seu movimento contínuo de sobreviver — costumam ser afastados pela razão que pensa sobre eles: para a Filosofia, quase que invariavelmente, os corpos são abortados em suas sensações, causas de erros, e considerados em suas generalidades.

Diante do ofuscamento, o contemporâneo tateia pela corporeidade até que se acostume a ver a própria escuridão.

As luzes da razão, desde a mais tenra modernidade, parecem ter apresentado explosões de extrema selvageria. Entretanto, pintou também belos quadros, por vezes aspectos de uma natureza morta, onde a maturidade de sua contemporaneidade é desarraigada e limítrofe do seu apodrecimento, revelando uma indecifrável e inevitável decadência.

O corpo constricto e limitado, entretanto, fazendo-se ideia do ilimitado, alça a imaginação e é de fato quem segue em frente, ocupa e habita o mundo e a história, quando a razão recai em pane ou êxtase e, paralisada entre a perversão e o gozo, proíbe ou tentar vetar.

---

<sup>1</sup> AGAMBEN, Giorgio, *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*, Chapecó: Argos, 2009, p. 62, §3.

O contemporâneo não busca a verdade na centralidade do corpo, pois corpos não são nem verdadeiros nem falsos, antes são lastros de uma humanidade inalienável, mas sequestrável pela sua constrição. O contemporâneo busca a diminuição do sofrimento, de si e do mundo, no movimento e expressividade dos corpos.

Este ensaio é sobre o surgimento e as metamorfoses do termo *fetiche* e tem por fim interpretar o discurso que o imputa aos acusados fetichistas. Tenta mostrar que se trata de uma *epidíctica fetichista* que, tendo sido lançada na academia francesa no século XVIII, o século das luzes, fundamenta a ideia de exclusão do pensamento cultural e religioso oriundos do continente africano do campo da racionalidade, justificando a objetivação de homens e mulheres escravizados.

O termo é incorporado pelo pensamento alemão e acaba assumindo centralidade nas matrizes do pensamento filosófico da contemporaneidade, na história, antropologia, psicologia ou psicanálise e na estética.

## 1 Epidíctica fetichista e o corpo constricto

O termo *fetichismo* surge no encontro de dois corpos: o corpo do colonizador e o corpo do escravizado. O vocábulo irradia, por toda a modernidade, uma tal escuridão, que cega até mesmo algumas das mais esclarecidas razões que, em nome de seu próprio esclarecimento, condena tão facilmente as formas de vida e tão implacavelmente impõe a constrição aos corpos. Interpretar sua forma de acusação e as consequências vitais com que é pronunciada talvez nos garanta um encontro privilegiado com as trevas da razão, ao perseguir não as definições de fetichista ou fetichismo, mas sim o discurso que acusa: um mau encontro da Filosofia com a perversão.

Este ensaio interpreta o discurso que *acusa* ou *imputa o fetichismo* ao outro, isto é, à alteridade à qual se dirige esse discurso acusatório. A consequência disso, para o *imputado*, é a alienação de sua expressão e sua participação no planejamento do trabalho humano, sob algum tipo de constrição do seu corpo e sob a acusação ostensiva — e para a qual não é permitida defesa — de que não existe, no imputado, uma ação consciente e racional possível, de modo que o fetichista não sabe o que faz quando o faz!

O termo *fetichismo* foi apresentado por Charles de Brosses (1709-1777) em seu livro *Du Culte des Dieux Fétiches*, publicado em 1760 e traduzido para o alemão ainda no século XVIII (1785) por Christian Brandanus Hermann Pistorius, edição que continha também o ensaio de seu pai Hermann Andreas Pistorius, o primeiro a dar tratamento sistemático ao termo em alemão, tradução esta que seria lida por Marx, em 1842.<sup>2 3 4</sup> O termo terá uma forte ressonância no pensamento germânico, na teoria crítica, na psicanálise e na estética.

Quando suscitado, de uma forma ou de outra, terá a sua expressão textual na teoria da qual faz parte, passará por justificativas e tratamentos singulares a cada uma, mas guardará, à sombra de si mesmo e de sua origem, uma espécie de *Schadenfreud etnológica*.<sup>5</sup>

Essa sombra pode ser revelada através do acompanhamento e interpretação do modo de uso do fetichismo no discurso.

O termo *fetichista* é alçado à categoria de *conceito*, e alguns falam de sua origem como uma *necessidade formal*. Teria sido uma necessidade do ocidente, uma lacuna terminológica, ao encontrar algo novo — os povos designados como de costumes exóticos e manias religiosas —, entretanto ancestral. Brosses apenas criou um termo que não tinha correlato, portanto por necessidade, que nada teria a ver de fato e diretamente com a África, ou com o mercado de escravizados. Tradutor e equipe de comentadores que estudaram e publicaram o trabalho em inglês fazem uma excelente pesquisa coletando material adequado e utilizando a mesma forma geral do autor, uma história *empírica*, onde colhem uma *assemblage* de fragmentos e depois ordenam sob uma razão que dá coerência e contiguidade.<sup>6</sup>

---

<sup>2</sup> BROSSSES, Charles de, *Du Culte des Dieux Fétiches ou parallèle de l'ancienne Religion de l'Égypte avec la religion actuelle de Nigritie*, Paris: Fayard, 1988 [1760].

<sup>3</sup> BÖHME, Hartmut, *Fetischismus und Kultur: eine andere Theorie der Moderne*, Originalausg. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt Taschenbuch Verlag, 2006, p. 202–203.

<sup>4</sup> MORIS, Rosalind C., "After de Brosses: Fetishism, Translation, Comparativism, Critique", in: BROSSSES, Charles de; LEONARD, Daniel H.; MORIS, Rosalind C. (Eds.), *The returns of fetishism: Charles de Brosses and the afterlives of an idea*, Chicago ; London: The University of Chicago Press, 2017, p. 193; PIETZ, William, "Fetishism and Materialism: The Limits of Theory in Marx", in: APTER, Emily Susan; PIETZ, William (Orgs.), *Fetishism as cultural discourse*, Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1993, p. 134.

<sup>5</sup> O termo é utilizado por J. Lorand Matory, "Marx, Freud, e os deuses que os negros fazem: a teoria social europeia e o fetiche da vida real", 2018, pp. 1, 5s.

<sup>6</sup> BROSSSES, Charles de, "On the Worship of Fetish Gods: Or, A Parallel of the Ancient Religion of Egypt with the Present Religion of Nigritia", in: LEONARD, Daniel H.; MORIS, Rosalind C.; BROSSSES, Charles de (Eds.), *The returns of fetishism: Charles de Brosses and the afterlives of an idea*, Chicago ; London: The University of Chicago Press, 2017.

Muitas vezes desculpando-se de estar colocando o assunto em pauta, dão um peso de *autonomia* ao termo — fetichismo [*fetishism*] — e consideram válida e apropriada, uma *reapropriação conceitual* dessa palavra, afastando-a de sua origem, mas principalmente afastando-a dos corpos.

Entretanto, parecem mesmo reconhecer que o termo está atolado em um “pântano de preconceito e enormidade de erro historiográfico e antropológico”<sup>7</sup>.

No entanto, como surgiu como um termo que expressava uma lacuna na sociedade ocidental independente de qualquer realidade na África, as alegações sobre o fetichismo africano adquiriram uma certa autonomia. Por conseguinte, sobrevivem e excedem as deficiências probatórias do trabalho, mesmo quando podem ser contestadas<sup>8</sup>.

E acaba sendo inevitável que a razão veja nessa autonomia *conceitual* que extrapola os erros de Brosses, um argumento muito oportuno para mostrar que o discurso é válido pois não há nada que possa provar o contrário. Rosalind conclui, majestosamente: “Nenhum recurso à história empírica será suficiente para provar que Brosses estava errado”<sup>9</sup>.

## 2 Aparato do corpo

Talvez tenha faltado a esses intelectuais pensar que a autonomia do uso é a naturalização da coisa mesma, isto é, o uso do termo e sua proliferação por diversos pensamentos traz implícita a ideia original de algo ao mesmo tempo infantil, selvagem ou louco e que exerce uma atração e fascínio, corrompendo o bom uso da racionalidade e determinando que seja um pensamento sequestrado. Um zumbi do pensamento, ou um *homo sacer*, não podendo o estado eliminar, pois isso seria a expressão assumida da selvageria, permite-se, entretanto, sua morte sem consequências, no uso comum da vida cotidiana.<sup>10</sup>

Para Lorand Matory, mesmo Marx, em um discurso voltado para a libertação proletária e luta contra a alienação do trabalho, teria transformado “o

---

<sup>7</sup> “Morass of prejudice and the enormity of historiographical and anthropological error”. Rosalind C. Moris, “*After de Brosses: Fetishism, Translation, Comparativism, Critique*”, pp. 153–154. Tradução minha.

<sup>8</sup> “Nonetheless, partly because “fetishism” arose as a term expressing a lack in Western society and was thus independent of any actuality in Africa, the claims about African fetishism acquired a certain autonomy. They therefore survive and exceed the evidentiary lacunae of the work, even when they may be disputed”. *Ibidem*, p. 154. Tradução minha.

<sup>9</sup> “No recourse to empirical history will suffice to prove de Brosses wrong”. *Ibidem*, p.154. Tradução minha.

<sup>10</sup> Conf.: AGAMBEN, Giorgio, *Homo Sacer o poder soberano e a vida nua*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

‘escravo negro’ em zumbi, transferindo a simpatia por seu sofrimento e o crédito de sua função produtiva para o trabalhador assalariado europeu”, mas não uma possível potência ou agência dentro do processo revolucionário: uma forma anacrônica que o próprio capitalismo tratará de eliminar.<sup>11</sup>

De fato, o que parece é que a luta contra a perversidade da razão é uma opção de vida em sua militância cotidiana, mas é improvável que seja encontrada em um tubo de ensaio da própria razão, embora possa ser uma opção da Filosofia que pratica.

Segundo Pascal, o pensamento por contradição, no campo da moral, tem uma ação particularmente danosa: quando se chega a um impasse ou, como dirá alguns séculos depois Althusser, “quando pensa e atua no limite”<sup>12</sup>. Pois a afirmação e a negação podem não ser contraditórias e, nestes casos, tende-se a considerar que estamos diante de verdades *incertas*. E que tal incerteza pode ser um sinal de fraqueza, falta de movimento ou ação.

Casos em que somos instados a considerar equidistantes as posições consideradas e acabamos por nos iludir de que as ações humanas também o sejam. Nestes casos, as demonstrações podem ser instrumentos de *ocultação* das relações de dominação.

“A razão, por mais que grite, não pode valorizar as coisas”<sup>13</sup>. Existem certezas que não podem ser demonstradas e princípios tais que, quando tomados são verdadeiros, “mas as conclusões são falsas porque os princípios opostos são também verdadeiros”<sup>14</sup>.

O sentido e as palavras têm, entretanto, uma instância material do seu significado, com força suficiente para implementar socialmente isso.

Sabem bem, aqueles que possuem o espírito do discernimento, quanta diferença existe entre duas palavras semelhantes, segundo os lugares e as circunstâncias que as acompanham. [...] *Todos os que dizem as mesmas coisas não as possuem da mesma maneira*<sup>15</sup>.

---

<sup>11</sup> J. Lorand Matory, *Op. Cit.*, 2018, p. 8.

<sup>12</sup> Louis Althusser, "L'unique tradition matérialiste", 1993, pp. 102, 103, p.ex.

<sup>13</sup> PASCAL, Blaise, *Pensamentos*, São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 62, §82 [Brunschvicg]. Obs.: citaremos, doravante, além do número das páginas, também o número do fragmento dos *Pensamentos* depois do símbolo “§”.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 136. §394.

<sup>15</sup> PASCAL, Blaise, *Opúsculos*, Lisboa: Guimarães Editores, 1960, p. 111. Itálico meu.

O significado de uma palavra vem como instância de uma materialidade e tem força suficiente de sua implementação sobre os corpos:

Os jesuítas não tornaram a verdade incerta, mas tornaram a impiedade certa. A contradição sempre foi deixada para cegar os maus; pois tudo o que choca a verdade ou a caridade é ruim; eis o verdadeiro princípio<sup>16</sup>.

Seguindo o pensamento de Pascal, Althusser formula a ideia de que existem “aparatos do corpo”, responsáveis por imprimir uma dada ideologia como organizadora material da vida humana.

Já havia lido devidamente Pascal no cativo. [...] O que fascinava era a teoria da justiça e da força, a teoria das relações entre os homens e, sobretudo, a teoria do aparato do corpo<sup>17</sup>.

Agamben, por outro lado, vai formular a teoria dos “dispositivos”, muito próxima dos aparatos.

Chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes<sup>18</sup>.

A imputação do fetichismo visa diretamente o aparato do corpo limitando sua existência a nada mais do que matéria, fora da razão e incapaz de uma ação ou agência no mundo, a não ser que esteja sob planejamento da razão, que inclui sua existência, também excluída do planejamento dela. Funciona como um dispositivo, pois tem a efetividade sobre a vida e pode planejar o espaço e o tempo vitais.

O modelo proposto por Agamben é o seguinte: existem seres viventes e existem os dispositivos. Sujeito é o que resulta da relação, do corpo a corpo dos viventes com os dispositivos e entre si. O dispositivo, como “máquina de produzir subjetivações”, aqui modela um lugar próprio no logos e contamina todo o lugar comum possível no universo racional. O problema que se coloca aqui é que, essa tal máquina de construir subjetivações também é, evidentemente, como uma censura do outro, uma dessubjetivação.

Mas o que acontece agora é que processos de subjetivação e processos de dessubjetivação parecem tornar-se reciprocamente indiferentes e não dão

---

<sup>16</sup> Blaise Pascal, *Op. Cit.*, 1973, p. 276, §902.

<sup>17</sup> "J'avais dûment lu Pascal en captivité. [...] Ce qui me fascinait, c'était certes la théorie de la justice et de la force, la théorie des rapports entre hommes mais surtout la théorie de l'appareil du corps". Louis Althusser, *L'unique tradition matérialiste*, 1993, p. 75. Tradução minha.

<sup>18</sup> Giorgio Agamben, *Op. Cit.*, 2009, p. 40.

lugar à recomposição de um novo sujeito, a não ser de forma larvar e, por assim dizer, espectral<sup>19</sup>.

Entretanto parte-se, aqui, neste ensaio, da radical *pressuposição da integralidade do sujeito humano*, como preceito propedêutico e metateórico de caráter inalienável em suas razões.

Não existe um “fora disso, dessa regulação” que nos permita, num breve momento de perspectiva, olhar de fora e, como se ironicamente o fetichismo retornasse ao centro, tentássemos esvaziar o outro, do discurso ou do apontamento de seu corpo, por ser ainda larval, mais ancestral ainda que a própria ancestralidade, ou posterior a ela em seu apodrecimento.

O contemporâneo não deve deixar de habitá-lo, no mínimo reconhecendo que, se existe um sujeito larval em algum lugar, todos nós o somos, pois não existiria um “de fora” do larval, mesmo que fosse objeto da crítica. Tal é a força do discurso epidíctico com força social de aplicação: mesmo ao denunciá-lo, fazemos parte dele, temos também que respeitar as togas negras dos magistrados, dada a efetividade e implacabilidade da aplicação de seu discurso.

Nos fragmentos de Pascal podemos encontrar duas referências exemplares aos aparatos, voltados para essa persuasão social da certeza:

Os nossos magistrados conheceram bem esse mistério. As suas togas vermelhas, os arminhos com que se enfaixam como gatos peludos, os palácios em que julgam, as flores-de-lis, todo esse *aparato* augusto era muito necessário [...] <sup>20</sup>.

É mostrar, pelos cabelos, que se tem um criado grave, um perfumista, etc.; pelo ornato, o fio, os passamanes, etc. Ora, não é simples *aparato*, nem simples arnês, ter vários braços. Quanto mais braços se tem, mais forte se é. Ser elegante é mostrar a própria força <sup>21</sup>.

Os *aparatos* não são apenas *aparatos*, no sentido de meros artefatos. São *necessários* nas formas de significação, pois materialmente delimitam o espaço e o limite das expressões dos indivíduos em sujeitos históricos; mas ao mesmo tempo em que são limites e bloqueios, efetivamente, são também instrumentos de tais expressões.

O choque entre as civilizações europeia e africana vai se tornar a marca mais importante de toda a modernidade, mas será a parte obscura do seu discurso. Funda-se em uma mudança axial que está em ocorrência, sobre o que

---

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 47.

<sup>20</sup> Blaise Pascal, *Op. Cit.*, 1973, p. 64, §\*82. Sem itálico no original.

<sup>21</sup> *Ibidem.* p. 120, §316. Sem itálico no original.

se entende por conquista e por encontro de civilizações. Se os antigos pensavam na ocupação territorial e imposição de controle, carga tributária e usurpação dos recursos naturais, na modernidade o ato de *colonizar* se torna a principal ideia de conquista de uma civilização.

Tão importante quanto o tributo e o controle, o corpo toma centralidade na colonização, pois as formas com que se produz valor começam a passar por uma característica que será estudada por um futuro leitor de Brosses, Marx<sup>22</sup>: os corpos podem produzir muito mais do que a necessidade que tem de sobreviver e o que produzem a mais pode ser acumulado. Sobrevivendo apenas do medo, da privação, da pobreza e humilhação, são capazes de produzir a segurança e a pujança, a exclusividade, a riqueza e a distinção. Sendo fetichistas, selvagens e grosseiros, produzem as mais ilustradas e universais sabedorias, não como quem planeja e pensa, mas como quem trabalha e carrega o peso dos volumes e pinta as paredes enquanto serve alguma iguaria.

A epidíctica fetichista, fundada em um dispositivo retórico e discursivo, é entretanto um *aparato do corpo*, pois sua implicação atinge diretamente a vida do imputado e cujo fim é a sua censura, negação de sua vontade e racionalidade e que se pauta pela perversão, objetivando de tal forma o sujeito imputado fetichista, que o transforma em objeto: um objeto de carne que não sabe o que faz, portanto não deve ter autonomia ou autoridade sobre o que faz. Mas faz, pois a constrição do corpo é o lastro da ação de sua sobrevivência.

Note-se que, do *maxixe* ao *funk*, os ritmos populares e executados majoritariamente por populações negras, passaram por um massacre de vidas antes de serem reconhecidos como *cultura*: tudo não passava de uma *turba* de desqualificados que não sabe o que vê, não sabe o que faz e muito menos o que ouve.

A recorrência de corpos de jovens agredidos, mortos e espalhados, para o espanto da própria racionalidade, de alguma forma tem a força bruta de tornar possível pensar o que não poderia pensar antes a luz da razão.

---

<sup>22</sup> “Salário preço e lucro”, VII, em: MARX, Karl, "Livro I, Tomo 1", in: *O capital: Crítica da Economia Política*, São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996, v. 1, pag. 100.

### 3 Breviários de um Empirismo histórico

Desde o lançamento de seu livro *Histoire des navigations aux terres australes*<sup>23</sup> Brosses já havia apresentado sua pesquisa sobre o fetichismo em algumas sessões da *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, mas não obteve um grande sucesso. Enviou, entretanto, seus manuscritos à Diderot, que o encorajou a aprofundar sua pesquisa e a tomar contato com a obra de Hume, que acabara de ser lançada: *Natural History of Religion* (1757).<sup>24</sup>

Ficou impressionadíssimo com o livro de Hume, a ponto de utilizar grande parte de seu arsenal teórico e conceitual em seu próprio trabalho. Tivera ainda contato, na historiografia, com o trabalho de seu ex-colega de escola e eterno amigo M. Buffon, *Histoire naturelle de l'homme* (1749), além de estar imerso em outras obras importantes do período, como o trabalho *De l'esprit des lois* (1748), de Montesquieu, *Plan de deux Discours sur l'Histoire Universelle* (1751–52), de Anne Robert Jacques Turgot, o *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes* (1755) de Rousseau e o *Essai sur les mœurs et l'esprit des nations* (1756) de Voltaire.<sup>25</sup>

Entretanto, a marca de seu *empirismo histórico* começara antes disso, quando realizou visitas, pela *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, às escavações do Vesúvio e Herculano, na Itália, desde os primeiros anos de escavação, na década de 1730, tendo publicado relatórios e ensaios em 1750 sobre a reconstituição da própria história a partir dos achados, que revelam outros tempos vividos por nossos ancestrais.

Além disso, teve contato com algo que também marcaria sua vida de historiador, a obra histórica de Salústio, que passa a traduzir, começando também a planejar a sua própria *História da República de Roma*, por fim publicada incompleta em 1777, logo antes de sua morte. Tecnicamente empenhava-se em preencher espaços e lacunas deixados por Salústio, agora recolocado sob métodos empíricos, referenciados como o que Brosses imaginava ser o método experimental na história.

---

<sup>23</sup> BROSSES, Charles de, *Histoire des navigations aux terres australes*, Paris: Durand, 1756.

<sup>24</sup> HUME, David, *The natural history of religion*, Londres: A. Millar, 1757.

<sup>25</sup> Conf.: LEONARD, Daniel H., "Introduction: Fetishism, Figurism, and Myths of Enlightenment", in: BROSSES, Charles de; MORIS, Rosalind C.; LEONARD, Daniel H. (Eds.), *The returns of fetishism: Charles de Brosses and the afterlives of an idea*, Chicago ; London: The University of Chicago Press, 2017, p. 7 e 8.

Mas ele buscava um operador que permitisse apresentar uma versão materialista da história, afastando-a de uma origem divina ou transcendente. Disso tudo vem uma transposição para uma analogia: se os destroços ali enterrados e preservados revelam o passado, também uma primitividade humana, confrontada nos processos de colonização e encontrada entre os povos originários da África, são destroços enterrados pelas luzes e pela cultura humana, e podem revelar lacunas sobre nosso passado.

O autor quer reintegrar à história do progresso e das luzes esse passado selvagem. Se os historiadores costumavam contar como história humana a história dos feitos e da construtividade da cultura humana, Brosses introduz nessa história uma pura selvageria que ele diz que é renunciada pela razão por um mecanismo de ocultação desta, pois a tiraria de um berço metafísico e a devolveria à natureza bruta. Embora o seu tratamento e tom abertamente perverso, no sentido de ver no outro, no selvagem, um objeto, uma composição mecânica com vida, suas concepções desafiam algumas das constatações dos pesquisadores de “história natural”.

Hobbes e Vico, por exemplo, sustentaram que a história se limita ao estudo de criações humanas que atendem a uma necessidade social reconhecível, como instituições religiosas, políticas e civis. O que pertence à natureza animal dos seres humanos - instintos, paixões, funções corporais - é o domínio das ciências, que cria seus próprios métodos. No entanto, se "selvagens" de fato participam da criação da cultura, como argumenta o relato do fetichismo de Brosses, então a história natural introduz um horizonte histórico caracterizado por uma alteridade radical: não vemos mais nossa própria imagem refletida no espelho da história<sup>26</sup>.

Sua teoria parte de uma ideia muito simples: concorda com Hume, quanto à existência e possibilidade de uma história que possa ser traçada a partir da *ideia universal de Deus*, que existe um progresso e que este se dá por fases.<sup>27</sup> Concorda também que uma das expressões desse progresso foi a passagem do “politeísmo” ao “monoteísmo”. Concordava, ainda, com grande parte de seus contemporâneos sobre o progresso do politeísmo para o monoteísmo, como paradigma de evolução geral da capacidade de abstração do pensamento. No entanto considera ter uma contribuição original para essa interpretação: existiu, antes das fases

---

<sup>26</sup> “Hobbes and Vico, for example, had maintained that history is limited to the study of human creations that meet a recognizable social need, such as religious, political, and civil institutions. What belongs to humans’ animal nature—instincts, passions, bodily functions—is the domain of the sciences, which create their own methods. However, if “savages” indeed participate in the creation of culture, as de Brosses’s account of fetishism argues, then natural history introduces a historical horizon characterized by radical otherness: we no longer see our own image reflected back in the mirror of history”. Charles de Brosses, Daniel H. Leonard, Rosalind C. Moris, *The Returns of Fetishism: Charles de Brosses and the Afterlives of an Idea*, 2017, p. 8. Tradução minha.

<sup>27</sup> HUME, *The natural history of religion*.

enumeradas pela própria razão — politeísmo e monoteísmo —, uma etapa selvagem da humanidade, e isso comprovaria que a era das luzes não provinha de alguma ideia exterior à humanidade ou de origem sobrenatural como as divinas, mas, ao contrário, que o processo evolutivo das ideias e da religião têm origem nessa selvageria. É uma negativa que elimina Deus da origem da própria religião, que não passaria de criação humana.

Ele propõe um estágio ainda anterior ao politeísmo, um tipo de religiosidade que independe de representações, figurações ou de mistificações, isto é, prescindindo de imagens, e tem um culto que é *absolutamente material, uma transferência corpo a corpo* capaz de recuar para aquém da história da racionalidade ao anteceder às fases da religião que transitam no campo da própria razão. Segundo ele, a herança da história da mitologia e mesmo das religiões racionais tentam abafar essa fase selvagem para priorizar determinadas metafísicas com fins de controle sobre os costumes e os corpos. Ele diferencia o *fetichismo* das fases mitológicas, politeístas ou monoteístas, propondo um operador capaz de dar conta desse período selvagem, infantil e louco da humanidade, mas também parte de sua história e sua cultura.

Essa crítica é dirigida a uma geração de neoplatônicos identificados pelo autor antes mesmo de pensar o *fetichismo*. Esses teóricos, filósofos e teólogos são *figuristas*. Pregam uma mistificação como metafísica para manter seus privilégios e com fins no poder terreno, por isso devem atribuir ao racionalismo humano uma origem divina que ele não tem, pois o fetichismo prova que a origem de tudo é a ação e reação vital do corpo, dados também obtidos por Brosses em seu tratado sobre a origem das línguas. Suas pretensões podem ser sintetizadas através de uma citação que faz, sem creditar, de Pluche.<sup>28</sup> Reproduzimos abaixo a citação original deste último, que é bastante elucidativa da posição do autor.

Ficariamos ainda menos feridos com a rude simplicidade do egípcio, que toma um homem por um homem, um boi por um boi, do que pelas sublimes ladainhas de um platônico que vê mônadas e tríades em tudo; que encontra em uma figura de Ísis representada no meio de uma assembleia de trabalhadores, o mundo arquetípico, o mundo intelectual e o mundo sensível; ou que procura a imagem da natureza universal nos pés de uma

---

<sup>28</sup> Citação de Brosses: "On étoit encore moins blessé de la grossière simplicité de l'Égyptien qui prend un boeuf pour un boeuf, que du sublime galimatias d'un Platonicien, qui voit partout des Monades et des Triades ; qui cherche le tableau de la nature universelle dans les pieds d'un bouc ; qui trouve dans une Isis le monde Archétype, le monde intellectuel, et le monde sensible. Tout ce qu'on apprend d'une manière précise dans ces lectures, dont l'ennui n'est racheté par aucune découverte tant soit peu satisfaisante, ce sont les erreurs et les plates idées des Égyptiens." Charles de Brosses, *Du Culte des Dieux Fétiches*, 1988, p. 141–142.

cabra; ou que descobre a eficácia das impressões de seus gênios imaginários no chifre de um boi<sup>29</sup>.

Volta-se principalmente contra Porfírio, Lucrécio e Diodoro, mas aponta contra tudo que possa remeter ao próprio Platão, em uma negativa de essências e ocorrências transcendentais como possíveis agentes históricos. Logo antes da citação de Pluche, Brosses afirma:

Quando alguém quer, dizem eles, aprender tudo sobre essa religião egípcia que desperta a curiosidade por seus dogmas tão singulares, não deixa de ler com entusiasmo Diodoro, Platão, Plutarco e Porfírio. Depois de lê-los, ficará surpreso ao encontrar apenas histórias de pessoas comuns, ou alegorias fracas e sem conexão, sem dignidade, sem utilidade ou, finalmente, uma metafísica empolada da qual é ridículo pensar que a antiguidade tenha tido algum sentido<sup>30</sup>.

Brosses adota argumentos da *História Natural da Religião*, de Hume para desenvolver sua própria concepção da humanidade no estado da natureza, definindo o fetichismo como uma forma de automatismo material antes do próprio pensamento.<sup>31</sup> Nessa obra, introduzida por Diderot, Hume defende uma tese que será importante para Brosses: retirar, das questões filosóficas e teológicas, os fundamentos da razão humana da religião para realizar uma investigação de suas “origens na natureza humana”.

Na visão de Brosses, o culto ao fetiche surge de uma reação simples e espontânea a infortúnios inesperados e inexplicáveis, uma fase limitada pelo medo. Instigado pelas paixões primárias do medo e da admiração, o fetichista se apegava ao que estiver mais próximo, dotando um objeto material visível e palpável com o poder de se comunicar e talvez controlar, forças invisíveis e inescrutáveis.

Esses fetiches não são outra coisa senão o primeiro objeto de escolha [...]: uma árvore, uma montanha, o mar, um pedaço de madeira, um rabo de leão, um seixo, uma concha, sal, um peixe, uma planta, uma flor, um

---

<sup>29</sup> "l'on est encore moins blessé de la simplicité grossière de l'Egyptien que prend un homme pour un homme, un boeuf pour un boeuf, que du sublime galimathias d'un Platonicien qui voit par tout des Monades et des Triades; qui trouve dans une figure d'Isis présentée au milieu d'une assemblée de labourers, le monde archetypal, le monde intellectuel e le monde sensible; ou qui cherche le tableau de la nature universelle dans le pied d'un bonc; ou qui découvre l'efficacité des impressions de ses génies imaginaires dans le corne d'un bœuf". Noël Antoine Pluche, *Histoire du ciel. Considéré felon les idées des poètes, des philosophes, et de mise*, Paris: Veuve Estienne, 1739, p. 396–397. Tradução minha.

<sup>30</sup> "Quand on veut, dit l'un d'eux, s'instruire de ce qu'il est possible de sçavoir de cette Religion Egyptienne qui irrite la curiosité par ses dogmes si singuliers, on ne manque pas de lire avec empressement Diodore, Platon, Plutarque et Porphyre. Après les avoir lus, on est étonné de n'y trouver que des contes de petit peuple, ou de fades allégories sans liaison, sans dignité, sans utilité, ou enfin une Métaphysique guindée dont il est ridicule de penser que l'antiquité ait eu la moindre connoissance". Charles de Brosses, *Du Culte des Dieux Fétiches*, 1988, p. 140–141. Tradução minha.

<sup>31</sup> David Hume, *The natural history of religion*, 1757.

animal de certa espécie, como vaca, cabra, elefante, cordeiro; enfim, tudo o que se puder imaginar de parecido<sup>32</sup>.

Ele argumenta que, como se trata de um retorno a uma natureza selvagem e excepcionalmente antiga, excede os limites da história registrada e está além do seu escopo inserindo-se na própria história natural, e se concentrando nos instintos, apetites e ações impulsivas relacionadas às necessidades corporais da existência animal.

Mesmo "selvagens" os fetichistas estão engajados na criação da cultura humana. As histórias naturais de língua e religião de Brosses se propõem a enfrentar os desafios levantados pelos encontros dos europeus do século XVIII com a alteridade: tanto os primitivos modernos quanto os habitantes do passado pertencem a um país estrangeiro, a um "outro planeta". É necessária alguma identificação, um operador da razão que possa, entretanto, trazer um parâmetro de comparação com sua própria ancestralidade selvagem, que considere o homem em estado bruto. O fetichismo pode fazer essa mediação com um estado pré-racional e, assim poderá ser chamado pelo que é visto que já está no caminho de sua vida produtiva: fetichista. Já que desprovido de sujeito, fetichista é o próprio corpo.

### a) Analogia das distâncias

Mas, como os costumes, o culto e as ações dos egípcios eram quase os mesmos dos negros e dos americanos, não é natural concluir que todos eles também agiram sob uma maneira quase uniforme de pensar e de julgar que esse é todo o mistério de um enigma cuja palavra é procurada há tanto tempo?<sup>33</sup>

Utiliza, em sua história experimental e exploratória, um método bastante peculiar de *analogia das distâncias*: quanto mais distante geograficamente uma civilização, mais distantes seus hábitos e organização social, mais típicos e

---

<sup>32</sup> "Ces Fétiches divins ne sont autre chose que le premier objet matériel qu'il plait à chaque nation ou à chaque particulier de choisir et de faire consacrer en cérémonie par ses Prêtres: c'est un arbre, une montagne, la mer, un morceau de bois, une queue de lion, un caillou, une coquille, du sel, un poisson, une plante, une fleur, un animal d'une certaine espèce, comme vache, chèvre, éléphant, mouton; enfin tout ce qu'on peut s'imaginer de pareil". Charles de Brosses, *Du Culte des Dieux Fétiches*, 1988, p. 15. Tradução minha.

<sup>33</sup> "Mais puisque les moeurs, le culte et les actions des Egyptiens ont été à peu près les mêmes que celles des Nègres et des Américains, n'est-il pas bien naturel d'en conclure qu'ils ont aussi tous agi en vertu d'une façon de penser à peu près uniforme, et de juger que c'est là tout le mystère d'une énigme dont on a si longtemps cherché le mot?" *Ibidem*, p. 44. Tradução minha.

distantes de nosso entendimento e mais se encontram com nossas formas ancestrais, distantes no tempo e no passado.

Por isso a história experimental se realimenta da colonização como ferramenta civilizatória, de autoconhecimento e, pelo menos como instauração, de escuta do diferente, ainda que essa *escuta* seja ativa apenas em um sentido, o do colonizador para o escravizado.

Através da observação atual da sociedade e da comparação de *comportamentos semelhantes*, mas distantes geograficamente, propõe realizar uma observação indireta do passado: por exemplo na incidência do fetichismo das civilizações atuais para tirar conclusões sobre a forma de pensar das sociedades antigas, que compartilhavam essa forma, sendo analogamente fetichistas. Uma mecânica do pensamento.

Vamos, portanto, ver se a semelhança se sustentará nos detalhes das práticas egípcias sobre o culto em questão<sup>34</sup>.

Brosses afirma que devem ser colhidos materiais, anotações, relatos e, quanto mais forem distantes, diferentes e pitorescos, mais importantes se tornam para o historiador.

Para utilizar essa analogia entre o que é distante geograficamente com o que é distante temporalmente no passado, utiliza, como padrão de medida de onde pode chegar a evolução, o estágio da civilização em que se encontra, nesse suposto processo evolutivo.

Portanto o lastro de tais comparações e conclusões são o seu próprio conceito de evolução: sua regra de validade e coerência do processo são a própria ideia que tem de progresso e evolução da razão e não as suas condições materiais, como ele supõe e afirma.

Mesmo quando tenta estabelecer seu lastro com a retidão dos registros e com o colecionismo radical de objetos, narrativas, artefatos e tudo que fosse *da cultura humana*, o faz segundo a ideia de onde quer chegar com a coleção para fundamentar o estágio onde se encontra a sua própria civilização, como meta e apogeu, e sua ideia de processo evolutivo.

---

<sup>34</sup> "Novi status imago, arcanum antiqui. Voyons donc si la ressemblance se soutiendra dans le détail des pratiques Egyptiennes sur le culte en question". *Ibidem*, p.44. Tradução minha.

O critério, desde o princípio, sempre foi o seu próprio *método de verificação*. Justamente por considerar correta e adequada a verificação através da *analogia das distâncias* a partir de si, como paradigma de ponto de máxima civilização, Brosses pode concluir tudo o que precisaria ser concluído como história do pensamento.

Ocorre que seu método de verificação é condizente apenas com quem concorda com seus princípios sobre o progresso, ou sobre o trabalho, humanidade e colonização.

O projeto do *Culte*, além de instaurar um termo que terá uma enorme recorrência no decorrer da história moderna — o *fetichismo* —, também almeja uma calculada revisão histórica ao afirmar a origem da religião como uma adoração puramente material de objetos e que a mitologia e a metafísica visam acobertar esse fato para dar uma origem mais sublime ao pensamento humano ou à ideia de religião.

## **b) Tempo denso**

Brosses adota, em suas interpretações, o tempo cíclico no desenrolar da temporalidade terrena, citando *Eclesiastes*.<sup>35</sup> Vale notar que o *Eclesiastes* se diferencia de todo o restante da *Bíblia* como a conhecemos, por propor um tempo cíclico, ao contrário de todos os outros pensamentos temporais bíblicos, que pensam o tempo linear, da criação à danação. Mas além disso, também guarda uma originalidade bastante importante, também como único expoente da Bíblia que se propõe a falar das coisas “debaixo do céu”, uma expressão que aparece dezenas de vezes no texto, e que se refere à vida terrena, dos homens e seus trabalhos, isto é, em sua materialidade, onde não seguem princípios de castigo e recompensas pelas ações.

As coisas, diz um filósofo grego (Lamiscus de Samos), são feitas e serão feitas como foram feitas: εἶναι αὐ ἐγένετο ἔσται. *Eclesiastes* também diz: “o que foi, isso é o que há de ser, e o que se fez, isso se tornará a fazer”<sup>36</sup>? *ipsum quod futurum est*. Vamos, portanto, examinar primeiro qual é a esse respeito a prática dos povos bárbaros entre os quais o culto em questão ainda está em pleno vigor. Nada se assemelha melhor às superstições

---

<sup>35</sup> ECLESIASTES, *Bíblia Sagrada*, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

<sup>36</sup> ECLESIASTES, *Bíblia Sagrada*. 1995, 1-9.

absurdas do Egito antigo em relação a tantas divindades ridículas, nem será mais apto a mostrar de onde veio esse uso louco<sup>37</sup>.

Essa temporalidade permite a proposição de uma alteridade que, não obstante nos seja ancestral, também é, com relação a nós, “eternamente infantil”, “selvagem” e “louca”. O fetiche contém em si, como força semântica, as três acusações e imputações principais do que se considera excluído da razão.

Para o autor, existe como dado concreto uma história universal da humanidade cumulativa, entendido como *história universal*. Mas tem um aspecto original em sua concepção, que é o fato de que os tempos históricos convivem com os ciclos pelos quais passaram ao mesmo tempo: o tempo histórico repete-se, incessantemente, e se repete ao mesmo tempo. Seu tempo é multidimensional e podemos observar nossa própria origem nas distâncias que guardam nossos territórios e nossas civilizações.

### c) Orientação construtiva

Para Brosses, a evolução histórica obedece aos princípios da própria construtividade técnica da modernidade, sob uma ideia geral de *maquinismo* que remonta a Descartes e que causa bastante impacto com a publicação póstuma do seu livro sobre automatismo do corpo. Sob essa perspectiva, a sua concepção ideal de progresso representa uma evolução para o melhor, mais abstrato e com mais racionalidade.

Seria mais sensato imaginar que o homem construiu palácios antes de construir cabanas, que ele estudou Geometria antes da Agricultura, do que assegurar que ele concebia a Divindade como um puro espírito, preenchendo todo o universo em sua imensidão, antes de imaginá-la um grande poder do tipo do poder humano, mas dotado de uma força totalmente superior e ilimitada, com desejos e paixões semelhantes aos do homem, com os membros e órgãos como o dele?<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> “Les choses, dit un Philosophe Grec (Lamiscus de Samos), se font et se feront comme elles se sont faites : εἶναι αὐτὰ ἐγένετο ἔσται. Ecclésiaste dit de même : Quid est quod fuit ? ipsum quod futurum est. Examinons donc d’abord quelle est à cet égard la pratique des peuples barbares chez qui le culte en question est encore dans toute sa force. Rien ne ressemble mieux aux absurdes superstitions de l’ancienne Egypte envers tant de ridicules Divinités, ni ne sera plus propre à montrer d’où provenoit ce fol usage”. Charles de Brosses, *Du Culte des Dieux Fétiches*, 1988, p. 14. Tradução minha.

<sup>38</sup> “Il seroit plus sensé d’imaginer que l’homme a bâti des palais avant que de bâtir des cabanes, qu’il a étudié la Géométrie avant l’Agriculture, que d’assurer qu’il a conçu la Divinité comme un pur esprit remplissant tout l’univers de son immensité, avant que de se l’être figurée comme une grande puissance du genre de la puissance humaine, mais douée d’une force tout-à-fait supérieure et non limitée, ayant des désirs et des passions semblables à celles de l’homme, des membres et des organes comme lui?” *Ibidem*, p. 106. Tradução minha.

## d) Afetos

A evolução ocorre também pela sucessão de afetos que passam pela natureza humana durante sua evolução, mudando o impacto de acordo com o estágio em que se encontra. São quatro os afetos: medo, admiração, gratidão e raciocínio.

O primeiro deles, o puro medo, produz o fetichismo, medo e admiração o Sabeísmo, uma forma de figurismo que ele critica nos neoplatônicos. Mas apenas os quatro afetos juntos podem formar uma sociedade evoluída e racional.

O princípio e a explicação devem ser buscados nos afetos da própria humanidade, onde não são difíceis de encontrar; os sentimentos dos homens que os produziram podem ser reduzidos a quatro: medo, admiração, gratidão e raciocínio. Cada um deles teve seu efeito sobre os povos, dependendo de estarem mais próximos ou mais distantes de sua infância e dependendo de terem mais ou menos esclarecimento; mas para a maioria dos que não têm luzes, a impressão feita pelo primeiro desses quatro humores, em um produz o Fetichismo e no outro Sabeísmo<sup>39</sup>.

## e) Colonização

Brosses via na colonização e nas expedições rumo ao hemisfério sul, tanto na África quanto nas Américas, uma possibilidade de estudar empiricamente as manifestações culturais em suas mais diversas expressões. Ele acusa os outros historiadores de omitir uma fase anterior, selvagem, para fixar essa origem como divina e dá a esse grupo de teóricos o nome de *figuristas*.

Volta seus argumentos contra um resquício do neoplatonismo que considera que deve ser combatido como o que são: mistificadores, incapazes de reconhecer que a ancestralidade humana não está dentro da história da razão, mas fora dela, e pode ser reconhecida pela existência de povos *fetichistas*, um tipo de religião puramente material, que cria relação entre os corpos e os sentidos, valores e significados que podem ter entre si: antecedem a razão por serem puramente materiais.

---

<sup>39</sup> “Le principe et l’explication en doivent être cherchés dans les affections «îême de l’humanité, où ils ne sont pas difficiles à rencontrer ; les sentimens des hommes qui les ont produites se pouvant réduire à quatre, la crainte, l’admiration, la reconnaissance, et le raisonnement. Chacun d’eux a fait son effet sur les peuples, selon qu’ils étoient plus près ou plus loin de leur enfance, selon qu’ils avoient l’esprit plus ou moins éclairé ; mais le grand nombre étant de ceux qui manquent de lumières, l’impression faite par les premiers de ces quatre mobiles, dont l’un a produit le Fétichisme et l’autre le Sabéisme”. *Ibid.*, p. 104. Tradução minha.

Ele inclui na história da evolução da razão humana o que normalmente era excluído da história dessa razão: os povos fetichistas, diferentes e ancestrais em comparação com os politeístas, monoteístas e religiões em geral. Mas inclui tais povos por definição como excluídos dessa mesma razão que os inclui.

Os fetichistas guardariam essa ambiguidade sob o olhar do colonizador: o que está incluído como corpo, mas está excluído como razão em geral e, particularmente, desprovido de consciência sobre sua ação.

Para pensadores como Hobbes e Vico, a história se limita às criações humanas, como instituições civis, políticas e religiosas, pois podemos entendê-las identificando-nos com a agência intencional daqueles que as criaram, em resposta às necessidades sociais reconhecíveis.

Os defensores da nova ciência, como Bacon e Descartes, concordaram que a natureza — seja baseada na criação divina ou em suas próprias leis autônomas — só poderia ser entendida através de métodos de investigação criados especialmente para esse fim. De Bacon fica o ideal e o método experimental, mas de Descartes permanece a concepção de *autômato*, que também passará por Pascal, Leibniz e outros.

Nas mãos de colonizadores pragmáticos, tudo isso pode se tornar um excelente conjunto de razões e argumentos de que, de fato, é possível incluir em sua própria civilização os corpos dos colonizados, mas introduzi-los como autômatos, como objetos de carne animados, porém desprovidos de consciência e discernimento, infantis, selvagens e loucos. Mas que, sob constrição, produzem e trabalham, tornando sua selvageria algo altamente funcional.

O empirismo não parece, portanto, uma ideia primária na teoria de Brosses, primária era a ideia de colonização, a ida ostensiva para o sul do Equador, para regiões para além das proposições e fronteiras conhecidas, e lançar-se por conhecer o funcionamento de tais sociedades no intuito de construção de uma razão própria, a do colonizador.

Essa razão poderia lidar com um conjunto colhido ao acaso de histórias, narrativas, contatos e escavações e deste conjunto construir uma unidade expressiva, um *discurso de efetividade da razão* que pudesse regular e ordenar as relações semânticas e, particularmente, os benefícios que isso traz ao próprio movimento de conquistas e incursões bem como o destino dos corpos humanos.

#### 4 **Esprit sans culture** (*espírito sem cultura*)

O uso da palavra cultura (*culture*) tem um histórico de utilização bastante paradigmático no *Culte*, que organiza a exposição em um sentido que Brosses propõe como modelo evolutivo: o progresso é concomitante com a abstração do pensamento, mas a porta de entrada deste é a materialidade, mas em um processo de depuração ou refinamento.

O espírito humano sobe gradualmente do mais baixo para o mais alto: forma uma ideia do perfeito, através de abstrações retiradas do imperfeito: separa lentamente a parte mais nobre de um ser da mais grosseira: ao aumentar e reforçar a ideia que forma, ele o transporta para a Divindade<sup>40</sup>.

Da mesma forma, a palavra cultura vai ter uma evolução no texto, configurando um sentido de generalização e abstração. O termo *cultura* não tinha, na época de Brosses, uma utilização no sentido que a contemporaneidade lhe dá, de um conjunto de usos, costumes, arte, objetos, modos que podem ser entendidos como a *produção cultural de uma sociedade*. Era mais estritamente utilizado para definir a cultura como agricultura ou atividades afins. O uso da palavra cultura (*culture*) entretanto em sua obra tem um histórico de desenvolvimento muito peculiar.

As suas referências, pela ordem em que aparecem, apontam um processo de abstração: “L’agriculture” (agricultura, p. 20); “culture des fruits” (fruticultura, p. 40); “la culture des oliviers” (cultivo das oliveiras, p. 41); “dans la campagne les fruits et les herbes qui y naissent sans culture” (as frutas e ervas que crescem sem cultivo nos campos, p. 43). Nada que saísse muito do uso, mas que generaliza o termo de um determinado cultivo para a falta de cultivos, de cultura, na natureza.

Quando apresenta, entretanto, a causa do fetichismo atual, que é a “constante uniformidade do homem selvagem consigo mesmo”, isto é, sua falta de progresso, em um momento chave de sua exposição, apresenta uma trilogia da exclusão da razão que se tornará um paradigma em discursos subsequentes de modernidade, que projetam sociedades alteras como estagnadas em alguma parte de um caminho que levaria até o presente.

---

<sup>40</sup> "L'esprit humain s'élève par degrés de l'inférieur au supérieur : il se forme une idée du parfait, par des abstractions tirées de l'imparfait : il sépare lentement la plus noble partie d'un être de la plus grossière : accroissant et renforçant l'idée qu'il s'en forme, il la transporte sur la Divinité". *Ibidem*, p. 106. Tradução minha.

Esta trilogia pode ser considerada a partir dos limites do que está fora da razão, uma instância elaborada do *feito* no universo epidíctico: (i) infância eterna; (ii) selvageria e (iii) loucura. Exatamente nessa passagem, que concentra as três características espalhadas pelo texto, mas pontudas de uma vez em um mesmo argumento, faz um uso bastante carregado de cultura, ao expressar que são “espíritos que não tem cultura”.

Seu coração perpetuamente aberto ao medo, sua alma constantemente faminta por esperança, que libera a desordem de suas ideias, o levam a milhares de ações sem sentido; quando sua mente sem cultura e sem raciocínio é incapaz de perceber a pouca conexão que existe entre certas causas e os efeitos que espera [...] em uma infância contínua e [...] [que] raciocina sem qualquer correção e age como raciocina <sup>41</sup>.

Cultura, neste caso, associando-se ao sentido de fazer com ciência, ao anunciar a estagnação do fetichista, dá ao termo uma generalidade que não tivera antes, mas mantém a coerência da pretensão do autor, de manter-se dentro de relações materiais entre as ideias, pois a cultura generalizada como *cultura humana* não o é através de uma abstração de *cultura* ou de *humanidade*, mas no uso que faz a humanidade que caracteriza o que pode ser chamado sua cultura.

Brosses fala da infância da humanidade como um período pré-racional, e sua estratégia é voltar o discurso para a sua própria proposição materialista: a razão não descende dos deuses ou de qualquer abstração, mas sim os deuses e as abstrações são formas humanas de constituir-se no mundo, de certa forma ele antecipa o dito de Marx de que *os homens fazem ou projetam os deuses*.<sup>42</sup> Assim como em seus estudos sobre a linguagem, também a mente humana tem, para ele, uma mecânica própria, e a história das religiões pode nos revelar parte importante desse funcionamento.

Mas além disso, por colocar a origem da história humana não na ação da razão e posterior evolução desta, mas a própria humanidade em sua brutalidade selvagem e estado de natureza original, inclui nessa história o que houvera sido excluído dela até então — o corpo puramente animal e selvagem da humanidade — mas inclui de uma forma bastante pitoresca: inclui como *excluído*.

---

<sup>41</sup> "Son coeur perpétuellement ouvert à la crainte, son âme sans cesse avide d'espérances, qui donnent un libre cours au dérèglement de ses idées, le portent à mille actions dénuées de sens ; lorsque son esprit sans culture et sans raisonnement est incapable d'apercevoir le peu de liaison qui se trouve entre certaines causes et les effets qu'il en attend. [...] qui passent constamment leur vie dans une continuelle enfance [...] raisonner sans aucune justesse, et agir comme ils raisonnent". *Ibid.*, p. 96. Tradução minha.

<sup>42</sup> Cf.: Karl Marx, *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, 2010.

Além disso, ao tratar da natureza selvagem, também borra as fronteiras entre a história e os estudos naturais e nega uma origem divina ao princípio da razão, mas uma *reação mecânica do corpo e da mente*. A proposição do *fetichismo* permite isso, pois coloca o selvagem, pré-racional e bruto como parte construtiva da humanidade, inclusive em suas luzes. E faz disso uma conclusão assaz ousada: a convivência de tempos históricos aninhados em uma multitemporalidade radical, onde a pré-história selvagem, a história mítica e religiosa e os tempos do progresso convivem, lado a lado, com sociedades estacionadas nos mais diversos graus do desenvolvimento e convivem em um tempo presente afastadas geograficamente.

## 5 Uma retórica de acusação?

### a) Registro da retórica

Justamente por omitir determinadas premissas e basear-se no senso comum, o registro geral do *Culte* é retórico. Utiliza-se fartamente do senso comum e das verdades amplamente aceitas em sua época, como argumentos implícitos, porém ocultados, nos momentos de imputação.

Nas duas vezes onde o objeto da exposição é seu próprio *método analógico* — que pode, à luz de algo que se vê acontecer em algum lugar ou povo, buscar recorrências semelhantes em processos diferentes para tirar conclusões comuns —, o argumento da autoridade e reconhecimento é alçado, e a aceitação está acima de qualquer contestação ou possibilidade de juízo do interlocutor e “é o acordo unânime de homens inteligentes e nações iluminadas”<sup>43</sup> ou “[n]ão é consistente com os princípios do bom senso e da analogia presumi-los tal como os vemos em outros lugares?”<sup>44</sup>.

### b) Dirigido a um público

O discurso, quando apresenta o método e quando acusa os fetichistas, não parece dirigido a uma assembleia ou júri, pois não se presta a uma decisão para a

---

<sup>43</sup> "c'est l'accord unanime des hommes intelligens et des nations éclairées". Charles de Brosses, *Op. Cit.*, 1988, p. 103–104. Tradução minha.

<sup>44</sup> "N'est-il pas conforme aux principes du bon sens et de l'analogie de les présumer telles que nous les voyons ailleurs?" *Ibid.*, p. 100. Tradução minha.

ação ou a decisão sobre sua inocência ou culpa. Isso porque a ação já é dada — a colonização — e o juízo também — os fetichistas estão sendo apontados e imputados e não julgados. Cabe à audiência aplaudir e integrar o campo epidíctico ou ser excluído, provavelmente também como fetichistas, dele.

Aqui temos (como me parece e como proponho estabelecer) um dos principais elementos que devem ser usados no estudo da mitologia; nossos mitologistas mais talentosos ou não o conhecem ou não sabem como usá-lo, porque escolheram ver o que é em si a coisa mais lamentável do mundo, do ponto de vista mais lisonjeiro<sup>45</sup>.

### c) De acusação, imputação ou apontamento

Diz-se dele que é “de acusação” pois não se trata de um discurso dirigido a uma assembleia ou a um júri, pois nem aguarda uma tomada de decisão para a ação — que a ação imputar/excluir já é dada e não visa ajuizar sobre alguma culpa ou inocência —, já que a imputação é esse juízo cristalizado: o fetichista é reconhecido por “uma eterna infância”, “loucura” e “selvageria”, a tríplice fronteira que a razão estabelece para o sequestro do fetichista em seu discurso e no planejamento do trabalho.

Eles só podem ser colocados razoavelmente nessa era grosseira e selvagem, onde os homens eram sobrecarregados pela multidão de bestas ferozes, particularmente no Egito, cuja região superior ainda está cheia desses animais<sup>46</sup>.

### d) Pautado para o presente

Não se dá sobre o passado, antes, molda uma imagem de ancestralidade capaz de articular-se como pseudoconceito atual, neste caso na concepção de selvageria e estado de natureza como associação ao comportamento fetichista. O livro é estruturado para *falar do presente*, mais ainda, para apontar no tempo atual os *fetichistas*, com o objetivo de projetar um tipo de relação vital com tais civilizações.

---

<sup>45</sup> “C’est ici (ce me semble, et je me propose de l’établir) un des grands éléments qu’il faut employer dans l’examen de la Mythologie, et dont nos plus habiles Mythologues, ou ne se sont pas avisés, ou n’ont pas su faire usage, pour avoir regardé d’un trop beau côté la chose du monde la plus pitoyable en soi”. *Ibidem*, pp. 11, 12. Tradução minha.

<sup>46</sup> “On ne peut les placer raisonnablement que dans cet âge grossier et sauvage, où les hommes étoient accablés par la multitude des bêtes féroces, particulièrement en Egypte, dont la haute région est encore remplie de ces animaux”. *Ibid.*, p. 42. Tradução minha.

Em sua última parte, expõe seu método analógico, que permite que a distância em território seja análoga à distância em tempo.

Tantos fatos semelhantes, ou do mesmo tipo, estabelecem com muita clareza que a religião dos negros africanos e de outros bárbaros de hoje é como antigamente era a dos povos antigos; e é a mesma em todos os séculos, assim como em toda a terra que vemos surgir esse culto direto, prestado sem figura, às produções animais e vegetais<sup>47</sup>.

### e) Prescritivo

Além de acusar, reconhece, aponta e aplica um constrangimento a alguém ou algum pensamento, onde o fetichismo é motivo de repreensão, instrumento de reconhecimento e necessidade de constrição daquele corpo, tendo por fim sua censura, castração ou eliminação e por meios uma proposta de pedagogia, cura ou exclusão.

O fetichismo é do tipo dessas coisas tão absurdas que se pode dizer que elas nem deixam espaço para o raciocínio que gostaria de combatê-las. Em princípio, seria difícil alegar causas plausíveis de uma doutrina tão tola<sup>48</sup>.

### f) Subjetivação e aniquilação do outro

Um meio de subjetivação que depende, paradoxal e intrinsecamente, da privação da subjetividade do outro através de um dispositivo semântico e retórico que aponte o feio e o belo, que acusa no tempo presente e que, neste caso do fetichismo, conte com implacável consequência na constrição dos corpos e regulação da razão como prognóstico que exclui o feio e inclui o belo com implicação vital e dotado de força social suficiente para ser lastro dos seus sentidos e efetividade de suas definições.

Depois de ter exposto como é o atual fetichismo das nações modernas, farei uma comparação com o dos povos antigos; e esse paralelo naturalmente nos levará a julgar que as mesmas ações têm o mesmo princípio, fazendo-nos ver claramente que todos esses povos tinham a mesma maneira de

---

<sup>47</sup> "Tant de faits pareils, ou du même genre, établissent avec la dernière clarté, que telle qu'est aujourd'hui la Religion des Nègres Africains et autres Barbares, telle étoit autrefois celle des anciens peuples ; et que c'est dans tous les siècles, ainsi que par toute la terre, qu'on a vû régner ce culte direct rendu sans figure aux productions animales et végétales". *Ibid.*, p. 95. Tradução minha.

<sup>48</sup> "Le Fétichisme est du genre de ces choses si absurdes qu'on peut dire qu'elles ne laissent pas même de prise au raisonnement qui voudroit les combattre. A plus forte raison seroit-il difficile d'alléguer des causes plausibles d'une Doctrine si insensée". *Ibidem*, p.95. Tradução minha.

pensar, uma vez que tinham a mesma maneira de agir, que é uma consequência daquela<sup>49</sup>.

## 6 Inconclusões

A esse discurso que imputa o fetichismo a alguém chamamos de *Epidíctica Fetichista*: um dispositivo retórico demonstrativo, acusatório, que pode regular e atingir concretamente a vida e que se tornou uma das marcas do pensamento moderno, particularmente da filosofia crítica, na estética, psicologia e da psicanálise, servindo de operador da razão para a objetivação das pessoas escravizadas e justificativa para a constrição dos corpos.

### a) Incluir como excluído

O operador criado por Brosses — FETICHISMO — geralmente é utilizado para demarcar o campo do *outro*, alteridade do discurso ou alteridade concreta na constrição do corpo, que é *incluído como excluído*. A forma de apontar o fetichista passa pela necessidade de sua aniquilação, esquecimento ou, como pareceu mais oportuno aos pensadores, excluir o corpo para inclui-lo como objeto no pensamento do mundo. Mas, de fato, oferece um operador inequivocamente invocado à mancha, tratar da desqualificação do sujeito do *outro* pelo apontamento, nele, agora imputado fetichista pelas razões de expressar fetiches. Esse operador também aponta para quem, de algum modo, compactuar ou justificar esse tipo de pensamento, pois estaria, dessa mesma forma, sob o mesmo tópico.

Poderia ser dito que o fetichismo se expressou, de fato, por uma forma de pensar muito mais próxima do que supõe a razão: o apontamento do *outro* como fetichista tornou-se, no pensamento moderno, uma forma de valorizar a própria subjetividade, de fato realizando sua plataforma, que pode ser encontrada no seu acabado e vasto discurso, mas pode ser revelado quando defende a selvageria, defendendo o progresso da racionalidade.

---

<sup>49</sup> "Après avoir exposé quel est le Fétichisme actuel des nations modernes, j'en ferai la comparaison avec celui des anciens peuples ; et ce parallèle nous conduisant naturellement à juger que les mêmes actions ont le même principe, nous fera voir assez clairement que tous ces peuples avoient là-dessus la même façon de penser, puisqu'ils ont eu la même façon d'agir, qui en est une conséquence". *Ibid.*, p. 14. Tradução minha.

## b) Nada sabem, mas fazem

Sabemos que eles [os fetichistas] vivem em uma insensibilidade que advém da apatia, nascida do pequeno número de ideias que não se estendem além de suas necessidades presentes: não sabem nada e não têm desejo de saber: passam a vida sem pensar e envelhecem sem sair da infância, dos quais retêm todas as falhas<sup>50</sup>.

No entanto, os corpos, constrictos e dilacerados, seguem em sua tarefa cotidiana de sobreviver. Fazem e trabalham o suficiente para encher de riqueza e progresso o mundo onde são incluídos, mas como excluídos. Mas é nessa posição ambígua e contraditória que, como contratransferência, avançam onde não poderiam, ocupam o que habitarão e enfrentam a perversão do discurso e a efetividade de sua instauração como valor universal. Paradoxalmente encontrando, nas falhas de quem lhes imputara falhas, a pujança de seus movimentos: com a vitalidade de uma criança, tresloucados e furiosamente selvagens avançam em algum momento, quando lhes sucedem muitos mortos e sofrimento e têm mecanismos para revidar.

E avançam com tal ímpeto que podem superar as dores, recuperar a esperança e enfrentar a opressão, habitando a contemporaneidade de seus corpos e operando uma vertigem do pensamento.

A justificação da escravização forçada precisou cunhar em sua história a perversão da própria razão com um termo que a expressasse em plenitude, para preencher uma lacuna que tinha ao olhar-se a si própria, pois essa forma haveria de admitir uma certa selvageria, doravante restrita, entretanto, às operações planejadas da própria mente colonizadora: é do contexto racista e da defesa da escravidão forçada que surge a possibilidade de cunhagem do termo "fetichista" e sua disseminação a partir da modernidade.

---

<sup>50</sup> "On sçait qu'ils vivent dans une insensibilité qui tient de l'apathie, née du petit nombre de leurs idées, qui ne s'étendent pas au-delà de leurs besoins présents : ils ne sçavent rien, et n'ont nulle envie de sçavoir : ils passent leur vie sans penser, et vieillissent sans sortir du bas âge, dont ils conservent tous les défauts". *Ibid.*, p. 114. Tradução minha.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer o poder soberano e a vida nua*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicstro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- ALTHUSSER, Louis. "L'unique tradition matérialiste (1985)". *Lignes*, n. 8, p. 72–119, 1993.
- BÖHME, Hartmut. *Fetischismus und Kultur: eine andere Theorie der Moderne*. Originalausg. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt Taschenbuch Verlag, 2006. (Rowohlts Enzyklopädie, 55677).
- BROSSES, Charles de. *Du Culte des Dieux Fétiches ou parallèle de l'ancienne Religion de l'Egypte avec la religion actuelle de Nigritie*. Paris: Fayard, 1988 [1760]. (Ouvrage publié avec le concours du Centre National des Lettres du Ministère de la Recherche et du Ministère de la Culture. Corpus des Oeuvres de Philosophie en Langue Française).
- BROSSES, Charles de. *Histoire des navigations aux terres australes*. Paris: Durand, 1756.
- BROSSES, Charles de. "On the Worship of Fetish Gods: Or, A Parallel of the Ancient Religion of Egypt with the Present Religion of Nigritia". In: LEONARD, Daniel H.; MORIS, Rosalind C.; BROSSES, Charles de (Eds.). *The returns of fetishism: Charles de Brosses and the afterlives of an idea*. Chicago ; London: The University of Chicago Press, 2017.
- BROSSES, Charles de; LEONARD, Daniel H.; MORIS, Rosalind C. *The returns of fetishism: Charles de Brosses and the afterlives of an idea*. Chicago ; London: The University of Chicago Press, 2017.
- ECLESIASTES. *Bíblia Sagrada*. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- HUME, David. *The natural history of religion*. Londres: A. Millar, 1757. (Four Dissertations, I).

LEONARD, Daniel H. "Introduction: Fetishism, Figurism, and Myths of Enlightenment". In: BROSSES, Charles de; MORIS, Rosalind C.; LEONARD, Daniel H. (Eds.). *The returns of fetishism: Charles de Brosses and the afterlives of an idea*. Chicago ; London: The University of Chicago Press, 2017.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. Trad. Rubens Enderle; Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. "Livro I, Tomo 1". In: *O capital: Crítica da Economia Política*. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996, v. 1. (Economistas).

MATORY, J. Lorand. "Marx, Freud, e os deuses que os negros fazem: a teoria social europeia e o fetiche da vida real". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 33, n. 97, 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092018000200301&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092018000200301&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 4 dez. 2019.

MORIS, Rosalind C. "After de Brosses: Fetishism, Translation, Comparativism, Critique". In: BROSSES, Charles de; LEONARD, Daniel H.; MORIS, Rosalind C. (Eds.). *The returns of fetishism: Charles de Brosses and the afterlives of an idea*. Chicago ; London: The University of Chicago Press, 2017.

PASCAL, Blaise. *Opúsculos*. Trad. Alberto Ferreira. Lisboa: Guimarães Editores, 1960.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

PIETZ, William. "Fetishism and Materialism: The Limits of Theory in Marx". In: APTER, Emily Susan; PIETZ, William (Orgs.). *Fetishism as cultural discourse*. Ithaca, N.Y: Cornell University Press, 1993.

PLUCHE, Noël Antoine. *Histoire du ciel. Considéré felon les idées des poètes, des philosophes, et de mîse*. Paris: Veuve Estienne, 1739.